

DOI: 10.18226/22362762.v16.n.32.11 <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis>>

*“Bom, limpo e justo”: evidências discursivas sobre
alimentação e cultura no manual do Slow Food Brasil*

*“Good, clean and fair”: discursive evidences on food and
culture at the handbook Slow Food Brasil*

*Gislene Feiten Haubrich**

*Claudia Schemes***

*Ernani Cesar de Freitas****

Resumo: O artigo versa sobre a relação entre as práticas alimentares e os sistemas de representação cultural. Visa a identificar elementos identitários encenados pelo Movimento *Slow Food* Brasil, a partir do ato de linguagem prescrito em seu manual. A reflexão tem como ponto de partida a noção da alimentação enquanto manifestação cultural historicamente construída e dialoga com a perspectiva discursiva para tratar das concepções de identidade e de representação. Para condução da pesquisa, selecionam-se trechos dos textos do manual, visto o volume de dados

Abstract: The article deals with the relationship between food practices and systems of cultural representation. It aims to identify identity elements performed by the Slow Food Brazil Movement based on the act of language prescribed in its manual. The starting point is the notion of food as a historical construction and a cultural manifestation. A dialogue between these concepts and the discursive theory connects the notions of identity and representation. The conduction of the research is based on texts excerpts of the manual, elected from the volume of data available. The organization of such data is

* Doutoranda e mestra em Processos e Manifestações Culturais e graduada em Comunicação Social pela Universidade Feevale. Bolsista Prosuc/Capes. Av. Dr. Maurício Cardoso, 1021, apart. 503, Novo Hamburgo, RS. *E-mail:* gisleneh@gmail.com

** Doutora em História (PUCRS), Mestre em História (USP) e graduada em História (Unisinos). Professora no PPG em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale. *E-mail:* claudias@feevale.br

*** Doutor em Letras (PUCRS), Pós-Doutor em Linguística Aplicada (PUCSP). Mestre em Linguística (Unisinos) e graduado em Letras (Unilassale). Professor no PPG em Processos e Manifestações Culturais, na Universidade Feevale. *E-mail:* ernanic@feevale.br

disponíveis. A organização de tais dados está fundamentada na técnica mapa de associação de ideias, com a criação de categorias emergentes da leitura e agregação de enunciados, sustentada pela análise semiolinguística do discurso. O principal resultado emergente da investigação repercute a persuasão pretendida mediante a construção do ato de linguagem do manual. Destacam-se estratégias discursivas fundamentadas na afetividade e na produção de efeitos normativos, cujo propósito está na inclusão e na exclusão de sujeitos junto à comunidade *Slow Food*.

Palavras-chave: Slow Food Brasil. Cultura. Discurso.

based on the technique of ideas association map that is supported by the semiolinguistic analysis of discourse, with categories created from the reading and aggregation of statements. The main result emerging from the research reflects the intended persuasion through the construction of the language's act in the manual. We emphasize discursive strategies based on affectivity and normative effects, whose purpose include and exclude subjects from the Slow Food community.

Keywords: Slow Food Brazil. Culture. Discourse.

Considerações iniciais

A temática da comida em sua relação com a cultura há muito vem sendo estudada pela antropologia da alimentação. Mais recentemente, passou a compor o repertório de estudos de historiadores, principalmente a partir do surgimento da Nova História Cultural e da micro-história.¹ A implicação simbólica evidenciada pelas práticas alimentares de uma sociedade pode ser um elemento-chave à compreensão dos processos de sujeição e assimilação aos quais os sujeitos se submetem e/ou são submetidos. Santos (2005, p. 12) ressalta que “os padrões de permanência e mudanças dos hábitos e práticas alimentares têm referências na própria dinâmica social”. Nesse caso, comer passa a ser um ato social e “a historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais como espelho de uma época e que marcaram uma época”. (SANTOS, 2005, p. 13). A importância de pensar o alimento enquanto objeto de estudo científico é evidenciada com a criação, em 2004, da Universidade de Ciências Gastronômicas, pela Associação *Slow Food* Internacional.

Com base nestas ideias preliminares, propõe-se, com este artigo, um diálogo interdisciplinar, cujo enfoque está na representação de elementos identitários de uma comunidade instituída pelo compartilhamento dos hábitos alimentares. De acordo com Montanari (2008, p. 183), um “sistema alimentar contém e transporta a cultura de quem a pratica, é depositário

das tradições e da identidade de um grupo”. Para Ribeiro (2012, p. 24), os hábitos alimentares constituem “a própria imagem da sociedade e podem ser reelaborados em razão da classe, do estilo de vida e do gosto”, determinados pelos hábitos dessa sociedade e, “portanto, têm raízes profundas na identidade social dos indivíduos”. Depreende-se, então, que alimentar-se é participar de uma comunidade, aproximar-se do outro e influenciar-se mutuamente, a partir das escolhas efetivadas.

Sustenta-se, desse modo, a escolha do objeto de estudo, o manual divulgado pelo movimento *Slow Food* Brasil. Trata-se de um documento elaborado por um coletivo de sujeitos engajados em compartilhar sentidos quanto à qualidade de vida e a defesa da biodiversidade. Considera-se, ainda, o apontamento de Oliveira (2014, p. 4), acerca da incipiência dos estudos sobre o movimento, que, mesmo com adesão internacional, ainda suscita poucas análises e o enfoque descritivo deste “objeto multifacetado”. A proposta desta reflexão agrega-se ao campo investigativo, ao incluir elementos críticos acerca das implicações identitárias e culturais, mediante o discurso prescritivo adotado por essa organização. Menciona-se ainda que o *Slow Food* diferenciam-se de outros movimentos, como o *Fair Trade* ou o *Atá*, já que, no primeiro caso, a abordagem não está inserida no Brasil, enquanto o segundo não apresenta uma estrutura associativa tão ampla e sistematizada quanto *Slow Food*.

A questão norteadora da investigação decorre destes aspectos e delinea-se: o *Slow Food* Brasil utiliza, em seu Manual, estratégias discursivas centradas em regras, cuja intenção é a persuasão mediante um fazer-saber, que culmina com o fazer-criar daqueles que têm interesse em fazer parte do Movimento? Com base nessa questão, o estudo tem como objetivo identificar elementos identitários representados pelo Movimento em seu ato de linguagem prescrito no *Manual do Slow Food Brasil*. O interesse de pesquisa orienta a seleção do marco teórico. A relação entre cultura e alimentação está ancorada na perspectiva de Maciel (2001; 2005) e Montanari (2008). Já Woodward (2013), Hall (2006) e Silva (2013), em diálogo com a concepção dos sujeitos do ato de linguagem de Charaudeau (2010), constituem o embasamento acerca das noções de identidade e de representação.

Quanto aos procedimentos metodológicos (PRODANOV; FREITAS, 2013), diz-se que a investigação tem natureza aplicada, de cunho descritivo com abordagem qualitativa. Os procedimentos técnicos que amparam a reflexão são as pesquisas bibliográfica e documental, além do uso do mapa de associação de ideias (VERGARA, 2005) para organização dos dados e da

análise discursiva. (CHARAUDEAU, 2010, 2012). A constituição do artigo está dividida em três momentos, a começar pelos apontamentos teóricos. Na sequência, apresenta-se o movimento *Slow Food* abrangendo, nesta etapa, a caracterização do *corpus* selecionado. Por fim, procedem a análise e os apontamentos finais em relação a proposta ora desenvolvida.

Considerações iniciais

A temática da comida em sua relação com a cultura há muito vem sendo estudada pela antropologia da alimentação. Mais recentemente, passou a compor o repertório de estudos de historiadores, principalmente a partir do surgimento da Nova História Cultural e da micro-história.¹ A implicação simbólica evidenciada pelas práticas alimentares de uma sociedade pode ser um elemento-chave à compreensão dos processos de sujeição e assimilação aos quais os sujeitos se submetem e/ou são submetidos. Santos (2005, p. 12) ressalta que “os padrões de permanência e mudanças dos hábitos e práticas alimentares têm referências na própria dinâmica social”. Nesse caso, comer passa a ser um ato social e “a historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais como espelho de uma época e que marcaram uma época”. (SANTOS, 2005, p. 13). A importância de pensar o alimento enquanto objeto de estudo científico é evidenciada com a criação, em 2004, da Universidade de Ciências Gastronômicas, pela Associação *Slow Food* Internacional.

Com base nestas ideias preliminares, propõe-se, com este artigo, um diálogo interdisciplinar, cujo enfoque está na representação de elementos identitários de uma comunidade instituída pelo compartilhamento dos hábitos alimentares. De acordo com Montanari (2008, p. 183), um “sistema alimentar contém e transporta a cultura de quem a pratica, é depositário das tradições e da identidade de um grupo”. Para Ribeiro (2012, p. 24), os hábitos alimentares constituem “a própria imagem da sociedade e podem ser reelaborados em razão da classe, do estilo de vida e do gosto”, determinados pelos hábitos dessa sociedade e, “portanto, têm raízes profundas na identidade social dos indivíduos”. Depreende-se, então, que alimentar-se é participar de uma comunidade, aproximar-se do outro e influenciar-se mutuamente, a partir das escolhas efetivadas.

Sustenta-se, desse modo, a escolha do objeto de estudo, o manual divulgado pelo movimento *Slow Food* Brasil. Trata-se de um documento elaborado por um coletivo de sujeitos engajados em compartilhar sentidos quanto à qualidade de vida e a defesa da biodiversidade. Considera-se,

ainda, o apontamento de Oliveira (2014, p. 4), acerca da incipiência dos estudos sobre o movimento, que, mesmo com adesão internacional, ainda suscita poucas análises e o enfoque descritivo deste “objeto multifacetado”. A proposta desta reflexão agrega-se ao campo investigativo, ao incluir elementos críticos acerca das implicações identitárias e culturais, mediante o discurso prescritivo adotado por essa organização. Menciona-se ainda que o *Slow Food* diferenciam-se de outros movimentos, como o *Fair Trade* ou o *Atá*, já que, no primeiro caso, a abordagem não está inserida no Brasil, enquanto o segundo não apresenta uma estrutura associativa tão ampla e sistematizada quanto *Slow Food*.

A questão norteadora da investigação decorre destes aspectos e delinea-se: o *Slow Food* Brasil utiliza, em seu Manual, estratégias discursivas centradas em regras, cuja intenção é a persuasão mediante um fazer-saber, que culmina com o fazer-creer daqueles que têm interesse em fazer parte do Movimento? Com base nessa questão, o estudo tem como objetivo identificar elementos identitários representados pelo Movimento em seu ato de linguagem prescrito no *Manual do Slow Food Brasil*. O interesse de pesquisa orienta a seleção do marco teórico. A relação entre cultura e alimentação está ancorada na perspectiva de Maciel (2001; 2005) e Montanari (2008). Já Woodward (2013), Hall (2006) e Silva (2013), em diálogo com a concepção dos sujeitos do ato de linguagem de Charaudeau (2010), constituem o embasamento acerca das noções de identidade e de representação.

Quanto aos procedimentos metodológicos (PRODANOV; FREITAS, 2013), diz-se que a investigação tem natureza aplicada, de cunho descritivo com abordagem qualitativa. Os procedimentos técnicos que amparam a reflexão são as pesquisas bibliográfica e documental, além do uso do mapa de associação de ideias (VERGARA, 2005) para organização dos dados e da análise discursiva. (CHARAUDEAU, 2010, 2012). A constituição do artigo está dividida em três momentos, a começar pelos apontamentos teóricos. Na sequência, apresenta-se o movimento *Slow Food* abrangendo, nesta etapa, a caracterização do *corpus* selecionado. Por fim, procedem a análise e os apontamentos finais em relação a proposta ora desenvolvida.

Sobre alimentação, identidade e discurso: vínculos

A temática da alimentação constitui a abordagem antropológica há certo tempo. Conforme o triângulo culinário proposto por Lévi-Strauss (2013), delimita-se o campo semântico de uma estrutura social, que é revelada pelo jeito ao preparar e cozer alimentos, o que implica uma relação

cultural. No entanto, Lévi-Strauss também menciona a transformação natural do alimento mediante o apodrecimento e, dessa forma, o triângulo se constitui. Woodward (2013) retoma pressupostos elaborados por Lévi-Strauss acerca da relação entre natureza e cultura, mediante a ação culinária, quando o alimento amplia sua significação, agregando à função de nutrição do corpo a constituição simbólica. Maciel (2005) corrobora esta percepção e salienta a relação estabelecida entre sistemas alimentares, imaginário e representação. As práticas ligadas à produção e ao consumo dos alimentos manifestam “sistemas simbólicos em que códigos sociais estão presentes, atuando no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza”. (MACIEL, 2005, p. 49).

Amon e Menasche (2008) também mencionam a dimensão comunicativa da comida, a partir de reflexões de antropólogos e semiólogos, como Lévi-Strauss e Roland Barthes, por exemplo. Conforme essas autoras, eles “partiram de uma analogia da comida com o sistema linguístico, indagando-se sobre as convenções e regras que regem os modos como os itens de comida, concebidos como signos em um sistema, são categorizados e combinados”. (AMON; MENASCHE, 2008, p.17).

Diante do propósito deste estudo, interessa explorar, ainda que brevemente, a reflexão de Barthes (1961) sobre a comida enquanto sistema de comunicação, já que os alimentos significam e, assim, exercem influências econômicas e ideológicas a uma cultura. Para Barthes (1961, p. 979, tradução nossa), a comida é “também e ao mesmo tempo um sistema de comunicação, um corpo de imagens, um protocolo de usos, de situações e condutas”. Esse autor procura salientar o papel do alimento nas sociedades contemporâneas e assevera que ele passa a ganhar função. Nesse sentido, por meio das práticas mobilizadas pelo uso do alimento assumem-se e expressam-se valores e justificam-se comportamentos. O alimento passa a ter uma função simbólica, a dotar de significado as ações humanas e a representar a cultura que conecta determinados grupos. Mediante essa leitura comunicativa conduzida por Barthes, pode-se entender a alimentação como um discurso e, como tal, uma forma de expressão das regras de conduta e de interação coletiva.

Nesse sentido, interessa mencionar a relação entre tradição e inovação por meio da culinária. Maciel (2001, p. 153) salienta que a cozinha tem um caráter emblemático, visto que envolve um processo de criação que “transforma o ato alimentar em profundidade, distanciando-o cada vez mais da simples manutenção do organismo”.

A esse respeito, Montanari argumenta que

o que chamamos de cultura coloca-se no ponto de inserção entre a tradição e a inovação. É tradição porque constituída pelos saberes, pelas técnicas, pelos valores que nos são transmitidos. É inovação porque saberes, aquelas técnicas e aqueles valores modificam a posição do homem no contexto ambiental, tornando-o capaz de experimentar novas realidades. Inovação bem sucedida: assim poderíamos definir a tradição. A cultura é a interface entre as duas perspectivas. (2008, p. 26).

A produção do alimento e sua forma de consumo envolvem o compartilhamento de modos de fazer, que aproximam e afastam os sujeitos, além da expressão de valores e crenças. Sob essa imbricação que se assenta o interesse na inter-relação entre alimentação e cultura, cuja ponte é estabelecida perante representações, expressas discursivamente, que culminam com o sentimento de pertença e vínculo identitário. (MACIEL, 2005). Já para Montanari (2008, p. 189), cultura, tradição e identidade são produtos da história enquanto “movimento dinâmico e instável, gerados por complexos fenômenos de troca, de cruzamento, de contaminação. Os modelos e as práticas alimentares são o ponto de encontro entre culturas diversas, fruto da circulação de homens, mercadorias, técnicas, gostos de um lado para o outro mundo”.

Amplia-se a compreensão da relação entre alimentação, identidade e discurso com a reflexão de Woodward (2013). Segundo essa autora, “a comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias”. (WOODWARD, 2013, p. 43). O sujeito se define, também, mediante a seleção alimentícia que faz, do que come e, da mesma forma, do que não come, pois o consumo culinário indica pertencimento a uma comunidade. Ribeiro (2012) também contribui com a reflexão ao apontar a centralidade do potencial simbólico dos alimentos para o senso de identidade. Para esse autor, “os padrões alimentares de um grupo sustentam a identidade coletiva, posição de hierarquia, na organização social, mas também determinados alimentos são centrais para a identidade individual”. (RIBEIRO, 2012, p. 77). Woodward (2013, p. 9) salienta, ainda, que “a identidade é, assim, marcada pela diferença” e, diante disso, é produto de sistemas de representação, constituídos coletivamente. Compreender a identidade sugere, então, a alteridade, o envolvimento de duas extremidades:

o EU e o TU em interação, atuando juntos na construção de significação e atualização de sentidos.

Hall (2013, p. 109) considera que o olhar investido à identidade precisa considerar o contexto social e histórico que circunda os sujeitos, pois “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso”. Silva (2013, p. 76) contribui com esse apontamento ao afirmar que “identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. [...] A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas”, pois não são essências ou elementos da natureza, mas resultados de interações simbólicas, cuja significação e valoração se delimita socialmente. A representação é concepção central nessa inter-relação identidade e diferença. A possibilidade de representar advém do acesso aos sistemas significados, definidos mediante a escolha dos elementos linguísticos para afirmar o que se é, e, nesse ato, afirmar também o que não se é.

A partir destes apontamentos, acredita-se evidente a pertinência e a relevância da aplicação da análise discursiva ao estudo das identidades. Opta-se, então, pela proposta semiolinguística de Charaudeau (2010), cujo centro é a relação entre o EU e o TU. Na troca linguageira, aquele que comunica (EUc) pretende envolver aquele que interpreta (TU_i). Para tanto, vale-se de estratégias discursivas delineadas pela relação entre um enunciador (EU_e), expresso na seleção dos elementos a serem expostos, e um destinatário por ele idealizado (TU_d). A ação desses sujeitos decorre do contexto que contempla tanto as circunstâncias quanto à própria situação da comunicação, que “é como um palco, com suas restrições de espaço e de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui seu valor simbólico”. (CHARAUDEAU, 2012, p. 67).

Percebe-se que as interações são orientadas por contratos ou acordos socialmente instituídos que orientam a enunciação discursiva. Para compreender tal desenho social, interessa refletir sobre as identidades dos sujeitos envolvidos pelo ato de linguagem, com base nas pistas manifestas por sua finalidade e seu propósito. Charaudeau (2012) destaca que as finalidades discursivas implicam as relações de força expressas por visadas comunicativas, das quais se destacam: 1) visada de informação, cuja ação do EU é fazer-saber e a do TU dever-saber, uma tentativa de promover uma relação com a “verdade”; 2) visada de captação, sendo que o EU almeja fazer-sentir e o TU deve sentir, por meio do uso da persuasão.

Assim, a partir da conexão proposta entre noções de alimentação, de cultura, de identidade e de discurso, acredita-se tal correlação seja intrigante

à compreensão das interações sociais promovidas por diferentes grupos, visto que evidenciam possibilidades de aproximação e de afastamento entre os sujeitos. Esta investigação tem como ponto de partida essa asserção e prossegue com a compreensão de aspectos identitários evidenciados pelo Manual do *Slow Food* Brasil. Tal documento institui um sistema de representação que conjuga diferentes modos de adesão, pois sua completude interpretativa decorre dos sentidos investidos pelos interlocutores. Enquanto gênero discursivo Manual ou guia, a encenação (*mise-en-scène*) do ato de linguagem do Movimento tem como característica central a apresentação de orientações, o estabelecimento dos limites entre ser parte ou não. No entanto, as escolhas discursivas do sujeito comunicante (EUC) sugerem pistas acerca dos modos de interação almejados. O que será possível perceber? Esse é o rumo da reflexão.

Sobre o Movimento *Slow Food*: as prescrições e a intenção de assimilação

O *Slow Food*, cujo nome é uma oposição ao *fast food*, teve origem na Itália, em 1986, pelo ativista alimentar Carlo Petrini, e atualmente está presente em mais de 150 países, com a adesão de cerca de 100.000 associados. As atividades da Associação no Brasil datam de 2000. A proposta do movimento é a neogastronomia, cujos pilares são a biodiversidade e a educação alimentar do gosto. O enfoque das ações desenvolvidas está na conscientização do vínculo entre alimento, qualidade de vida e sustentabilidade. A valorização da agricultura, cuja base seja a herança alimentar, é um dos princípios propagados pelo *Slow Food*. Já a filosofia sustenta que “o alimento deve ser bom, limpo e justo”. (SLOW FOOD, 2013, p. 6).

A estrutura internacional da associação se divide em quatro níveis: 1. Congresso, 2. Direção (presidente, comitê executivo e secretário-geral), 3. Direção nacional, suprarregional ou regional e 4. Convívio. Em 2015, o Movimento estimava 1.500 convívios no mundo, sendo 46 no Brasil. A relevância dos convívios está na ação direcionada aos grupos locais, na atuação direta com produtores, na elaboração de campanhas e eventos de conscientização, entre outras atividades. A “Terra-Madre”, uma intersecção entre projeto, rede e evento, visa a criar uma rede internacional de produtores e consumidores interessados na reflexão sobre práticas relacionadas aos alimentos que contemplem: o bom, o limpo e o justo.

Desta breve apresentação do Movimento, interessa investir alguma descrição ao *corpus* em análise: o Manual *Slow Food*, um discurso prescritivo, difundido em português pelo portal *Slow Food* Brasil, na internet. O Manual, conforme descrito por seus idealizadores, “é uma bonita publicação, leitura obrigatória para quem quer ter uma visão geral do Movimento *Slow Food*” (SLOW FOOD, 2013, p. 2). O documento é composto por 75 páginas com textos, diagramação e imagens. A fim de orientar o processo de organização dos dados, elabora-se uma breve categorização dos conteúdos abordados no Manual: 1. Apresentação (capítulos 1 a 3), 2. Pilares (capítulos 4 e 5) e 3. Ações (capítulos 6 a 9).

A partir do enquadramento proposto neste estudo, prevê-se a indicação de categorias analíticas ancoradas na perspectiva discursiva de Charaudeau (2010, 2012). Nesse sentido, parte-se à configuração do movimento mediante o ato de linguagem (o discurso) instituído pelo Manual. A situação de comunicação emoldurada é monológica, ou seja, implica sujeitos múltiplos em interação com texto. Supõe-se que os parceiros da troca linguageira compartilhem o interesse por uma alimentação saudável, assim como o compartilhar experiências através das ações do movimento.

A interação proporcionada pela encenação discursiva do Manual é orientada por um contrato de comunicação, cuja finalidade é introduzir o sujeito interpretante (TUi) ao movimento *Slow Food*. Enquanto Manual, sua principal função é apresentar orientações aos interlocutores, para que compartilhem os elementos propostos pelo sujeito comunicante (EUc). Dividem-se, assim, os parceiros do ato de linguagem: EUc = *Slow Food* Brasil, TUi = leitor, interessado em compreender as práticas, aderir ou ser atuante no movimento.

Outra condição a ser observada pelo contrato de comunicação, que encaminha a produção do discurso do Movimento, é o centro no resgate das culinárias locais e dos produtos tradicionais, que estariam postos em detrimento às mudanças inferidas pela culinária mundializada. Importa, então, considerar a ressalva apresentada por Maciel (2005, p. 54): “No entanto essas mudanças não apenas não as extinguíram como também contribuíram, indiretamente, para a recuperação de conhecimentos e práticas alimentares tradicionais em muitos lugares como uma forma de afirmação identitária”. Com base nas considerações já feitas, a sequência do trabalho tem como desafio identificar os elementos identitários daí emergentes, considerando as estratégias discursivas projetadas pelo sujeito enunciador (EUe) para o destinatário idealizado (TUD).

Sobre representação, identidade e o *slow food* Brasil: entreolhares permeados pelo discurso

As reflexões desenvolvidas por Maciel (2005) e por Woodward (2013) propõem que a alimentação é fonte para a compreensão da identidade dos coletivos conectados pela tradição culinária. Tal intersecção parte da concepção da cozinha como emblema, uma figura simbólica que implica discursos de pertencimento, por meio dos modos de preparação e consumo dos alimentos. A partir da ponte estabelecida por essas autoras, defende-se a semiolinguística discursiva elaborada por Charaudeau (2010, 2012) para a análise do corpus. Tal perspectiva tem como ponto de partida a interação entre os seres de fala (enunciador – E_{Ue} – e destinatário idealizado – T_{Ud}) percebida mediante o discurso manifesto pelo sujeito comunicante (E_{Uc}). Desse modo, inicia-se o processo analítico caracterizando esses sujeitos, a partir do ato de linguagem instituído pelo Manual *Slow Food*.

O sujeito enunciador (E_{Ue}) manifesta elementos relacionados à preocupação com o bem-estar coletivo. Por meio da alimentação, situação indispensável para a sobrevivência biológica dos seres, busca-se promover a transformação comportamental do indivíduo. Os enunciados do Manual procuram exaltar a relação individual-coletiva, pois por meio dela se pode chegar a um processo reflexivo acerca da produção e do consumo dos produtos alimentícios. O excerto “mudemos o mundo a partir da mesa” (SLOW FOOD, 2013, p. 5) deixa evidente a intenção do enunciador de provocar o reconhecimento da interdependência entre ações individuais e organização da coletividade.

Outro enunciado que reforça esse apontamento é: “Com suas escolhas, o consumidor orienta o mercado e a produção, e ao se tornar consciente desses processos, ele ou ela assumirá um novo papel”. (SLOW FOOD, 2013, p. 8) Assim, o sujeito comunicante (E_{Uc}) procura incentivar uma mudança social a partir daquele que interage com o Manual, em um primeiro momento e, posteriormente, com o Movimento. Nesse ato de linguagem, o enunciador também intenta suscitar a autonomia e a potência do agir particular para instaurar mudanças num contexto que promove “uma constante agressão contra o gosto, biodiversidade, saúde dos seres humanos e animais, bem-estar e natureza”. (SLOW FOOD, 2013, p. 8).

O ato de linguagem encenado no Manual é rico em proposições terminológicas que devem ser incorporadas ao vocabulário dos vinculados ao Movimento. Diferentes conceitos vão sendo abarcados e esclarecidos ao longo do texto, dentre os quais se destacam: “comunidade do alimento”,

“Terra-Madre”, “convívio”. Nesse sentido, o primeiro fator a delimitar a inclusão dos sujeitos ao Movimento decorre da adequação linguageira que expressa, ainda, o contrato assumido para a interação entre os membros do grupo.

A questão da assimilação dos sujeitos mediante as práticas linguageiras é explícito na seleção de enunciados que compõem o Manual. Em diferentes momentos do texto, percebe-se o uso das visadas comunicativas de captação e informação. (CHARAUDEAU, 2012). Ao conceber o conceito de comunidade do alimento, por exemplo, a partir da ideia da economia local, “esta economia ‘baseada na natureza’ substitui a mão invisível do mercado por outra mais benevolente, mas rígida, que é a da nossa Mãe terra”. (SLOW FOOD, 2013, p. 18). Nesse ponto, busca-se o estabelecimento de um paralelo entre a forma de produção e consumo do mercado e a proposta do Movimento, a fim de que o interlocutor perceba os benefícios de aderir a ele, por meio de um argumento, cujo tom é, de certo modo, devoto e congrega ações concretas de mudança, nas relações sociais e ambientais. Trata-se de uma oposição à invisibilidade dos danos promovidos por ações mercadológicas.

Já o interlocutor projetado (TUd) pelo EUE no ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2010) é percebido mediante sua preocupação com a qualidade de vida, saúde e sustentabilidade. A referência decorre de sujeitos ativistas, proativos e/ou amplamente engajados a processos de transformação social, a partir de ações particulares. A concepção de coletividade, para esse interlocutor, está relacionada à felicidade, visto que as imagens que compõem o Manual agregam pessoas reunidas e sorridentes. O enunciador crê, ainda, que seu destinatário está interessado em ter um ritmo de vida equilibrado, respeitando os limites ambientais, naturais e culturais.

Esses apontamentos permitem identificar aspectos identitários do Movimento *Slow Food*, visto que deixam evidente a relevância da diferença. (SILVA, 2013). Àqueles que visam fazer parte do movimento precisam se engajar discursivamente, pois fazem parte do contexto que delimita como filosofia de convívio o entendimento político do ato alimentar. Faz sentido nesse contexto, enquanto “locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2013, p. 109), o discurso que propõe ações regionais de valorização da produção boa e limpa, que preza pela escolha qualificada da matéria-prima, perante a manutenção da naturalidade e a preservação dos ecossistemas e da biodiversidade. Por adequar-se a esses padrões, é justo remunerar e consumir esses produtos. É explícita, então, a

exclusão de produtores e consumidores, visto que se definem elementos de aproximação e afastamento das interações que devem ser valorizadas pelos associados ao movimento.

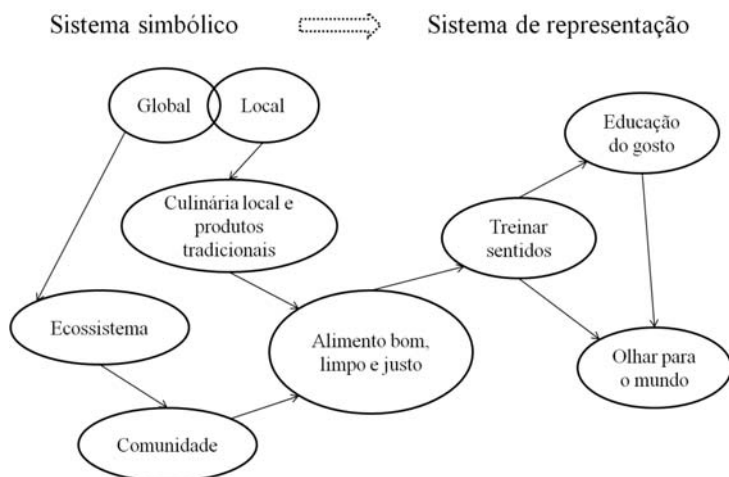
Outro excerto do texto prescritivo que explicita a delimitação dos traços identitários daqueles que aderem ao modo de viver *Slow Food* refere-se à denominada “educação do gosto”. O propósito é o desenvolvimento de ações, nos mais diversos níveis educacionais, que contribuam para a formação consciente acerca dos alimentos escolhidos para compor o quadro de refeições. Ao propor que é necessário “[...] conter a difusão da alimentação fútil, apressada e padronizada” (SLOW FOOD, 2013, p. 11), o Movimento utiliza argumentos incisivos que confluem com juízos de valor e, de certo modo, subjuga diversidade, elemento central de diferentes argumentos defendidos ao longo do Manual.

Acredita-se que a escolha dos termos *fútil, apressada e padronizada* à qualificação da culinária “dos sistemas de consumo mais comuns nos dias de hoje” (SLOW FOOD, 2013, p. 8) promova a exclusão da diferença e a assimilação plena do sujeito ao sistema proposto pelo Movimento. Nesse sentido, interessa refletir sobre o sistema cultural contemporâneo, cujo centro está no estabelecimento das fronteiras do EU e do OUTRO e tem a intenção de eliminar (a inevitável) a relação de alteridade, em que o EU e o OUTRO dependem mutuamente de suas interações para a construção de suas percepções e ações.

Esse aspecto também pode ser compreendido a luz de um dos orientadores-filosóficos do *Slow Food*: “comer é um ato agrícola, e consumidores informados e exigentes tornam-se coprodutores”. (SLOW FOOD, 2013, p. 6). Essa asserção procura qualificar os membros do Movimento que, diferentemente daqueles que aderem à culinária fútil e padronizada, são informados e exigentes e assumem uma postura proativa frente aos desafios de proteção à biodiversidade e qualidade de vida. Nesse sentido, como se defende que “a gastronomia está indissolúvelmente associada à política, à agricultura e ao meio ambiente, entre outras coisas” (SLOW FOOD, 2013, p. 6), qualifica-se que os sujeitos engajados ao discurso do Movimento estão conscientes de seu papel social e político e, nesse caso, pode-se sugerir a produção de níveis hierárquicos entre os que contribuem para melhorias das condições do meio ambiente e os que não refletem sobre a situação atual da natureza.

Assim, a partir da análise do ato de linguagem do Movimento *Slow Food*, percebe-se quais elementos simbólicos culminam em sistemas de representação, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1 – Mapa de associação de ideias



Fonte: Elaborada pelos autores.

Com base nas ideias recorrentes no Manual *Slow Food*, foi produzida a Figura 1. Dentre os elementos simbólicos utilizados para definir o movimento, tem destaque a relação entre global e local, visto o relevo dado às ações das comunidades perante a manutenção da tradição do plantio, do preparo e do consumo dos alimentos. Os saberes repassados entre gerações para o exercício da agricultura distante de agrotóxicos são muito valorizados pela filosofia do movimento. Aceita-se, no entanto, a atualização da tradição por meio de técnicas sustentáveis que garantam a qualidade do ecossistema. Nesse sentido, a relação entre alimentação e cultura, conforme exposto por Maciel (2001), fica evidente, pois o ato de comer passa a ser emblemático centrado no consumo de alimentos que se enquadrem nos padrões determinados.

Os sistemas de representação são delineados mediante a intersecção entre o uso das visadas de captação e informação (CHARAUDEAU, 2012), na construção textual. Pode-se perceber tal aspecto em enunciados como, por exemplo, “seu cartão de associado *Slow Food*, por si só, já representa um valor ético” (SLOW FOOD, 2013, p. 16) ou, ainda, em “ao treinar nossos sentidos para compreender e apreciar o prazer que o alimento proporciona, também abrimos nossos olhos para o mundo”. (SLOW FOOD, 2013, p. 6). Em ambos os trechos extraídos do Manual, percebe-se a intenção de persuadir o interlocutor: por um lado, mediante o fazer saber da informação, benefício de estar associado ou a possibilidade de perceber o alimento como possibilidade de prazer; por outro lado, mediante o fazer sentir, com base na visada de captação: ao pertencer ao movimento, você é ético ou treina seus sentidos e compreende o que é, de fato, ter prazer na alimentação.

Pode-se destacar, ainda, que embora o movimento busque tornar-se globalizado, com valores aceitos e incorporados pelos sujeitos, defende que as comunidades reconheçam saberes de seus ancestrais e valorizem elementos climáticos para desenvolver modos de cultivo dos alimentos. O mesmo é considerado acerca do preparo dos alimentos: estimula-se a retomada das formas de preparo que privilegiem a combinação entre recursos naturais e abomina-se o uso de técnicas industrializadas.

Nesse sentido, uma analogia ao triângulo culinário proposto por Lévi-Strauss (2013) pode ser estabelecida. Visto que, na perspectiva do movimento, as técnicas de industrialização dos alimentos têm os tornando inadequados ao consumo, e que esta forma industrial de preparo tem deturpado o conceito da natureza dos alimentos, como no caso de leite em caixinha ou pratos congelados, ele posiciona tais alimentos como “podres”, logo, inapropriados para o preparo e consumo. De outro modo, a preservação das tradições implica uma mediação cultural e mantém vínculos com os valores convencionados por uma sociedade considerada boa e justa, visto que corrobora para o desenvolvimento social e coletivo.

Diante do sistema de regras/orientações de conduta propostos, desenvolve-se a chamada “educação para o gosto”, que sintetiza o enfoque do movimento e apresenta seu projeto de incorporação dos sujeitos. É explícito o que propõe Barthes (1961, p. 980, tradução nossa) acerca do alimento enquanto sistema de comunicação, já que ele “sintetiza e transmite uma situação, ele constitui uma informação, ele é um significado”. O manual revela aspectos ideológicos que influem na valoração das ações coletivas, nos mecanismos para vigiar o outro e sistematizar o fazer parte ou não

daquela comunidade. Em vista disso, estabelece-se a lente a ser adotada pelos membros que aderem àquela proposta ideológica. A forma de plantar, preparar e consumir os alimentos é submetida a padrões que conectam os indivíduos mundialmente, e que implicam seus estilos de vida e as relações entre eles fixadas.

Considerações finais

O enfoque na inter-relação alimentação e identidade proposta neste artigo considera a manifestação de afirmações sobre si mediante sistemas simbólicos, dentre os quais se enfatiza a alimentação enquanto consolidação coletiva. Também a dimensão discursiva é evidente, visto que a forma de produção e consumo dos alimentos implica uma manifestação linguageira que emerge do acordo e do compartilhamento de valores e crenças. Diante disso, a análise do discurso passa a ser uma alternativa profícua para o encontro de elementos identitários em uma comunidade, estabelecida a partir de asserções acerca da culinária considerada ideal.

No caso em análise, tal aspecto é evidente, pois o Manual do *Slow Food* explicita a intenção de agregar àqueles que compartilham o propósito e a ação de transformar o comportamento e o ponto de vista individual em prol do desenvolvimento e aprimoramento coletivo. O uso de símbolos, que se transformam no sistema de representação do movimento, é amplamente explorado pelo ato de linguagem estabelecido no *corpus*. A começar pelo nome da associação, que evidencia a força do argumento de oposição às práticas atuais de produção e consumo dos alimentos. Também o tripé que determina a missão do movimento explicita os elementos que compõem a representação identitária do grupo: competência para treinar sentidos acerca da escolha de alimentos, cujo processo de produção seja reconhecido como natural, ou seja, que preserva o ecossistema e a biodiversidade em todas as suas etapas, além das práticas de compaixão e solidariedade implicadas nesse processo de produção.

Por tratar-se de uma manifestação linguageira, logo permeada de intencionalidade, o *corpus* em análise possibilita perceber a expressão ideológica do Movimento, que se vale da tensão entre aspectos culturais, cujo resultado impõe a inclusão ou exclusão, ou seja, a polarização dos pontos de vista, com uma problematização parcial acerca do tema da alimentação. Tais pontos de vista podem ser depreendidos mediante a análise das estratégias discursivas explicitadas pelo sujeito comunicante (EUc –

Slow Food Brasil). Argumenta-se, então, que o enunciador (EUE), com o propósito de produzir efeitos de verdade, vale-se de enunciados informativos que, a partir de um fazer-saber prescreve ações e as fundamenta no fazer-sentir. Por meio da captação da atenção do destinatário (TUd) e da sua persuasão mediante elementos simbólicos, as estratégias discursivas utilizadas pelo Movimento visam a culminar com a produção de crenças que sustentam ações, ou seja, um fazer-creer para fazer-fazer.

Por fim, percebe-se o uso de tais estratégias de modo bastante incisivo, visto que apresentam o que é necessário para fazer parte do Movimento. A delimitação da diferença é a fonte para a elaboração das asserções que constituem o Manual. Desse modo, os elementos identitários pretendidos pelo ato de linguagem ali instituído são precisamente tramados: ato civilizado de comer que implica reconhecer o bom, limpo e justo; senso de justiça ancorado na compaixão, solidariedade e no respeito à diversidade e, por fim, educar o paladar para a fim de evitar refeições do tipo *fast-food*, ou seja, rápidas e repetitivas. A partir desses aspectos, ressalta-se a proficiência do *corpus* selecionado para o estudo da identidade e da cultura, mediante a manifestação cultural culinária. Acredita-se, assim, que novos e aprofundados estudos com esse intuito possam ser realizados.

Notas

¹ Conforme “História: Novos Objetos”, de 1974, organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora. Trata-se de uma obra inaugural da nova história que contempla um capítulo escrito por Jean-Paul Aron, intitulado “A Cozinha: um cardápio do século XIX”, no qual Aron utiliza documentos que mostram o gasto médio (por

dia e por indivíduo) dos principais alimentos consumidos em 1846 e 1847 nos hospitais públicos de Paris. A partir destes documentos ele reconstrói, através de uma fonte ligada à alimentação e seguindo a corrente historiográfica da micro-história, uma parte da história da França.

Referências

- AMON, D.; MENASCHE, R. Comida como narrativa da memória social. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 1, p. 13-21, jan./jun.2008.
- ARON, J. P. A Cozinha: um cardápio do século XIX. In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BARTHES, R. Pour une psychosociologie de l'alimentation contemporaine. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 161^o année, n. 5, 1961. p. 977-986. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1961_num_16_5_420772>. Acesso em: 3 nov. 2015.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2012.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 103-133.
- LÉVI-STRAUSS, C. The culinary triangle. In: COUNIHAN, C.; van ESTERIK, P. *Food and Culture: a reader*. NY: Taylor & Francis, 2013.
- MACIEL, M. E. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os Macaquinhos de Koshima com Brillat-savarin? *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 16, p. 145-156, 2001.
- MACIEL, M. E. *Identidade cultural e alimentação*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 49-55. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/v6rkd/03>>. Acesso em: 3 dez. 2015.
- MACIEL, M. E.; MENASCHE, R. *Alimentação e cultura, identidade e cidadania: você tem fome de quê?* 2003. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=7855A>>. Acesso em: 5 nov. 2015.
- MANUAL DO SLOW FOOD BRASIL. Disponível em: <<http://slowfoodbrasil.com/documentos/manual-do-slowfood-2013.pdf>>. Acesso em: 1^o nov. 2015.
- MONTANARI, M. *Comida como cultura*. São Paulo: Ed. do Senac, 2008.
- OLIVEIRA, D. C. *Comida, carisma e prazer: um estudo sobre a constituição do Slow Food no Brasil*. 2014. 210f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- PRODANOV, C.; FREITAS, E. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RIBEIRO, C. S. G. *Tudo Pronto: O comer fora e o prazer reinventado* – Curitiba (1970-2000). 2012. 260 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

- SANTOS, C. R. A. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 42, p. 11-31, 2005.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 73-102.
- UNIVERSIDADE DE CIÊNCIAS GASTRONÔMICAS. Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/unisg>. Acesso em: 7 jan. 2016.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 7-72.
- VERGARA, S. Mapas de associação de ideias. In: VERGARA, S. *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2005. p. 157-170.

